



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**A BOLSA AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA: LEITURAS ENTRE PSICANÁLISE E
POLÍTICA**

Maria Eduarda Rocha Ferreira de Sousa

Rio de Janeiro

2023

MARIA EDUARDA ROCHA FERREIRA DE SOUSA

A BOLSA AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA: LEITURAS ENTRE PSICANÁLISE E
POLÍTICA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação
Português/Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Crélia Penha Dias.

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

R725b Rocha Ferreira de Sousa, Maria Eduarda
A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga: Leituras
entre Psicanálise e Política. / Maria Eduarda Rocha
Ferreira de Sousa. -- Rio de Janeiro, 2023.
28 f.

Orientadora: Ana Crélia Penha Dias.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. A bolsa amarela, de Lygia Bojunga. 2. Política
e Literatura. 3. Literatura e Psicanálise. 4.
Literatura Infantojuvenil. I. Penha Dias, Ana
Crélia, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por ter acreditado em mim e no meu potencial. À minha mãe, Paula Rocha, que é o meu maior exemplo na vida, seja como mãe, professora, amiga e, principalmente, como pessoa. Obrigada por ter me apoiado a seguir meu sonho e ter me dado afeto, escuta, acolhimento e conselhos. Durante esses 22 anos ao seu lado, você me viu crescer e amadurecer. E eu também te vi assim, crescendo e amadurecendo dia após dia. Tenho certeza, cada vez mais, de que te escolhi para ser minha mãe. Só poderia ser você. Obrigada por ter me incentivado a seguir meus sonhos e me formar, nenhum sonho meu seria possível ou teria sentido sem o seu amor e apoio. Obrigada por ter me encorajado em toda essa jornada, ela também é um mérito seu. Amo-te hoje, amo-te amanhã e amo-te sempre.

À minha avó, Esmeralda Rocha, que leu inúmeras histórias para eu dormir e sempre as terminou, mesmo que eu estivesse dormindo desde o início. Obrigada por todo o apoio. Esta monografia também é um mérito seu. Obrigada por me incentivar, desde a infância, a escrever o que eu sentia e a acreditar que eu tenho um potencial com as palavras. Obrigada por todo o amor, todos os passeios culturais e todos os cafunés em seu colo. Amo-te muito e sempre.

A Deus, por esta graça alcançada. Sem a minha fé, este trabalho não seria feito, pois foi Deus que me confortou em inúmeros momentos de insegurança e incertezas. Obrigada por acreditar que eu conseguiria chegar até aqui. Agradeço também à Nossa Senhora da Penha, que me permitiu realizar o meu sonho de ser professora.

A minha orientadora, Ana Crélia Penha Dias, por me acompanhar nesta jornada acadêmica, pela orientação, pelo seu trabalho, sua escuta e carinho. Sem você, este trabalho também não seria possível. Obrigada por me mostrar caminhos literários que sempre estiveram ali, eu só não os tinha reparado.

Aos meus colegas de curso do noturno, pela troca, afeto, risos e estudo. A UFRJ foi mais feliz, acolhedora e tranquila ao lado de vocês. Obrigada por tudo.

A mim, por ter conseguido realizar dois sonhos ao mesmo tempo. Eu consegui. Tenho muito orgulho da professora que estou me tornando.

A todas as professoras, professores e funcionários da Faculdade de Letras da UFRJ. Obrigada por esses 4 anos de aprendizagem diária.

A todos os meus alunos até o presente momento. Sou uma pessoa melhor porque aprendi com vocês. Muito obrigada por tudo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
Capítulo I- A relação do livro <i>A Bolsa Amarela</i> e a Ditadura Militar brasileira.....	9
1.0- Ditadura	9
1.1- Educação na Ditadura	10
1.2- Resumo de <i>A Bolsa Amarela</i>	11
1.3- Relação entre <i>Introdução ao Narcisismo</i> e Raquel	12
1.4- Como a ditadura modificou a sociedade brasileira.....	14
Capítulo II- Família <i>versus</i> O papel de Raquel dentro dela.	14
2.0- O conceito de família segundo a Teoria Familiar Sistêmica	14
2.1- Apresentação da família de Raquel	15
2.2- O papel de Raquel dentro do seu contexto familiar e as evidências.	18
2.3- Diferenças entre a família de Raquel e a família de Lorelai	19
Capítulo III: Literatura e Psicologia	20
3.0- O que significam os três desejos de Raquel?.....	20
3.1- A Bolsa Amarela.....	22
3.2- Complexo de castração	24
CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

O fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, elaborou, por volta de 1892, o método da associação livre. Essa técnica psicanalítica busca promover ao indivíduo total liberdade de fala e pensamento. A prática pode ser utilizada para além do *setting* da Psicanálise. Ao escrevermos um diário, por exemplo, ocorre, de forma natural, a prática da associação livre. Em *Escritores criativos e devaneios* (1907-1908), Freud diz:

A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispende na mesma muita emoção. (Freud, 1907-1908).

Para a Psicanálise, uma criança brinca para conseguir lidar com seu mundo externo e na tentativa de interpretar aquilo que não consegue expressar em linguagem. Em *Conferências introdutórias à Psicanálise* (1916-17), Sigmund Freud comenta: “Às vezes a brincadeira também traz à luz a solução do problema”. É no brincar que o indivíduo consegue lidar com a sua realidade e buscar elementos que possam ajudá-lo a compreender o que acontece. A literatura infantojuvenil pode desenvolver, na infância, um alicerce de extrema relevância na vida de uma criança, pois é por meio dos símbolos que ela conseguirá traduzir seu mundo. A narrativa também é um elemento fundamental para que ela desenvolva suas fantasias e consiga desenvolver e compreender repertório de mundo, fala e determinadas situações. O presente trabalho visa realizar uma análise sobre os símbolos da ditadura brasileira e salientar conceitos psicanalíticos presentes no livro *A Bolsa Amarela*.

Os elementos que compõem a vida das crianças e dos adultos são expostos de forma lúdica e prática, mas, acima de tudo, a literatura infantil e juvenil (LIJ) consegue fazer uma ponte entre a vida pessoal do leitor e a práxis social. O trabalho utilizará o conceito de literatura infantil e juvenil para abarcar tanto pré-leitores (infantis) quanto os leitores fluentes (juvenis). Segundo a pesquisadora Nelly Novaes, em seu livro *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*, a Literatura pode ser concebida como uma arte no formato de linguagem, que busca formar seres por meio da literatura (2000, p.10). Partindo desse preceito, o leitor pode se deparar com uma infinidade de histórias e de conhecimentos que nunca lhe foram apresentados. Do mesmo modo, não é uma preocupação da arte literária ser fidedigna com a realidade. A associação livre se conecta com qualquer literatura. Quem lê é capaz de compreender sua realidade por meio da Literatura e de se questionar sobre o mundo real e o imaginário.

Ao longo da história da LIJ, seu caráter foi sendo modificado e, até os dias de hoje, vem acompanhando as mudanças da sociedade. Em um primeiro momento, possuía caráter moralizante e, outrora, caráter religioso. As mudanças que ocorreram na LIJ dizem sobre a expectativa de homem, de moral e de ética que a sociedade e sua práxis social deveriam atingir. Conforme Dias (2023, p.4), a Literatura não tem a obrigação de seguir um modelo pronto, e a LIJ possui o caráter de se adaptar mais facilmente às mudanças da sociedade e à época na qual a obra se encontra.

Com o avançar dos séculos e as sociedades sendo modificadas, determinadas finalidades literárias já não deveriam mais ser aceitas, porque houve uma evolução do pensamento e da moral coletiva. É válido salientar que a LIJ acompanha o crescimento e a evolução direta da sociedade. O público-alvo para essa pesquisa se concentra na 1ª e 2ª infância, uma fase do desenvolvimento infantil que utiliza o recurso literário em massa e que prioriza a formação do caráter, condicionamento moral, respeito às regras sociais impostas, aprendizagem e desenvolvimento social.

A relevância da literatura infantil e juvenil se torna ainda maior ao se pensar em uma literatura infantil e juvenil nacional. Durante muitos anos, a Europa criou e exportou suas histórias infantis para todo o mundo. Entretanto, existe uma grave problemática quando essas histórias chegam a terras brasileiras: muitas não traduziam a realidade do Brasil e das crianças brasileiras. Atualmente existe uma LIJ nacional, porém os docentes brasileiros enfrentam outras problemáticas dentro do contexto escolar ao trabalhar com ela, como a falta de manejo dos docentes com questões sensíveis, como a morte (Dias, 2020, p.58).

Ao pensar numa obra que reflita sobre uma comunidade específica, alguns aspectos devem ser levados em consideração. Na contemporaneidade, é fundamental localizar o indivíduo dentro do meio no qual está inserido, ou seja, a criança da atualidade se encontra em um meio biopsicossocial. As características biológicas, psicológicas e sociais são intrínsecas ao indivíduo e, na primeira infância, essas características são extremamente salientadas no comportamento desse indivíduo em desenvolvimento. Quando o profissional da educação opta por não trabalhar com determinado livro pela sua dificuldade em abordar o tema e não leva em consideração sua qualidade, ocorre uma forma de censura do pensamento (Dias, 2020, p.58).

A LIJ nacional possui grandes nomes, e o de maior destaque no presente trabalho será o de Lygia Bojunga, autora de inúmeros livros voltados para o público infantojuvenil. A autora

gaúcha buscou, por meio de metáforas e dando protagonismo às crianças em suas obras, expor como a sociedade interpretava a figura infantil. A literatura de Lygia Bojunga preza pela criança e por sua voz, por isso sua linguagem é tão viva até o presente momento. Por meio do gênero fantástico, a narrativa de Raquel, personagem do livro em questão, consegue cativar leitores de todas as idades

Além de busca expor uma realidade que fale sobre o Brasil partindo de uma brasileira e que consiga se comunicar com outros brasileiros, até mesmo com crianças latino-americanas, fazer Literatura e principalmente literatura infantojuvenil no Brasil e na América Latina é falar sobre política. A Literatura é um ato político, e a educação é um ato sociopolítico. A Literatura é um ato de resistência, principalmente no contexto escolar, visto que é capaz de formar seres pensantes e críticos a cerca de si e do mundo (Dias, 2020, p.62).

No ano de 2019, o livro *A Bolsa Amarela* sofreu uma tentativa de censura, no estado de São Paulo, por parte de pais e de um político que alegavam que seu conteúdo era contra a moral do país e que o livro tratava de ideologia de gênero. O político buscou questionar a relevância do livro e as atividades pedagógicas propostas. É importante relacionar essa tentativa de censura à época, porque o livro foi publicado em 1976, quando o Brasil vivenciava uma ditadura com extrema repressão e censura literária, musical e de expressão, entretanto, somente em 2019 o seu conteúdo foi criticado amplamente. A autora foi capaz de realizar suas críticas ao regime militar ao longo de sua obra literária e, até o presente momento, não havia mobilizado tanto a sociedade.

A Literatura tem essa capacidade de mobilizar e provocar emoções no leitor e desencadear projeções do indivíduo na obra. Na década de 1970, não se comentava sobre sexualidade e tampouco na família. A ideia propagada pela igreja católica na época era de que uma família deveria ser composta por um casal heteronormativo de cristãos e seus filhos. Com o avanço das décadas, novas compreensões acerca do termo “sexualidade” foram sendo compreendidas, e, atualmente, o conceito de “família” foi reformulado. O livro, ainda assim, é extremamente atual e não deve ser interpretado como um livro que julga sexualidade.

O presente trabalho versa sobre os símbolos da ditadura no livro *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, organizado em três seções. Ele foi estruturado da seguinte forma: na primeira seção, são abordadas as temáticas sobre o contexto político do Brasil em 1976; a educação brasileira na época da Ditadura Militar brasileira; breve resumo do livro e os símbolos da Ditadura Militar no livro. A segunda seção aborda como a família de Raquel é estruturada; qual é o

papel de Raquel dentro dessa estrutura familiar; quais componentes textuais nos conduzem para tal interpretação; as diferenças entre a família de Raquel e de Lorelai. E, por fim, na última seção, alguns conceitos norteadores do trabalho são expostos e trabalhados, sendo eles: o que os três desejos de Raquel representam; o que significa a bolsa amarela e o que é “complexo de castração”.

Capítulo I- A relação do livro *A Bolsa Amarela* e a Ditadura Militar brasileira.

1.0- Ditadura

O Brasil foi vítima de uma ditadura empresarial cívico-militar que teve duração de 21 anos e pode ser considerada “a mais longa das ditaduras militares da América Latina” (Assis, 2012, p.323) até o presente momento. Infelizmente o Brasil não foi o único país da América Latina a sofrer com governos autoritários: Argentina e Chile são outros exemplos que passaram por golpes militares. Entretanto não é possível afirmar que o processo ditatorial tenha sido o mesmo para todos, já que existem dados históricos que mostram as diferenças entre as ditaduras da América Latina. O presente trabalho se atenta apenas à ditadura brasileira. Esse marco da história brasileira foi um projeto que teve sua consolidação no ano de 1964. No artigo Educação em Perspectiva, a autora Renata Machado aborda o caráter político e monetário envolvido no contexto pré-golpe militar, “Cabe ressaltar, no entanto, que o golpe de 1964 teve um caráter burguês, pois teve o apoio das classes dominantes do país, em conjunto com as multinacionais e o próprio Governo dos Estados Unidos, e da UDN (União Democrática Nacional).” (Assis, 2012, p.323).

O movimento que gerou o golpe de estado era contra o presidente João Goulart, vice de Jânio Quadros, que renunciara ao cargo em 1961. O governo do presidente João Goulart ficou conhecido pela busca por garantir direitos a todos, ou seja, garantir o mesmo acesso à educação e à saúde por meio da reforma de bases. É válido ressaltar que a posse de João Goulart não foi bem-aceita pelos congressistas. O governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, ajudou seu colega de partido (PTB) a assumir o poder. Porém, para atingir o cargo, houve uma mobilização de civis e militares, ambos armados, em defesa da posse.

O governo de João Goulart recebia diversas críticas pelo seu caráter “esquerdista”, que não foi bem-visto internacionalmente. É necessário levar em consideração que o mundo atravessava e

sofria as consequências da Guerra Fria, um conflito entre as maiores potências mundiais à época e que foi capaz de polarizar o mundo entre “esquerda” e “direita”.

O Brasil, ao longo de sua história, demonstrou que, muitas vezes, opta por não comentar sobre determinados eventos trágicos. Essa ocultação da história é um fenômeno que possui a tendência de apagar, para as futuras gerações, os males do passado. Entretanto, na atualidade, existe um projeto social e cultural que visa evidenciar o passado para que não seja esquecido.

Por meio desse projeto, a verdadeira identidade nacional será preservada, e a história será contada da forma mais íntegra e ética possível. Não obstante, o projeto afeta diversos campos da sociedade e do conhecimento, pois um país sem história é um país sem cultura. No âmbito da Literatura, de que este trabalho se trata, sua existência enquanto uma literatura nacional e brasileira começou com a escola literária denominada quinhentismo (Bosi, 1998). A literatura brasileira passou por diversos momentos de silenciamento e repressão, porém, em outros momentos, foi capaz de evidenciar o modo de vida de uma perspectiva de quem estava passando por aqueles acontecimentos, e como era conviver com esse modelo autoritário e repressor. A vida não é Literatura, mas a Literatura também é vida.

1.1- Educação na Ditadura

A educação brasileira é um tópico de suma importância para compreender a sociedade que fomos e a sociedade que queremos ser. O âmbito educacional é vasto e encontra-se em constante evolução, visto que deve sempre acompanhar as novas tendências sociais. A educação, enquanto um direito a todos, só foi assim internalizada pela população por meio do Art. 205 da Constituição: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Entretanto o acesso à escola para toda a população, como promulgado na Lei, não ocorreu de forma gradativa e tampouco foi garantida pela Constituição Federal e pelo Estado. Durante o período ditatorial brasileiro, as escolas públicas passaram por uma reformulação na sua metodologia de ensino, e o ensino técnico foi implementado. Houve um grande estímulo para que a educação privada avançasse (Viçosa, 2012, p.328). Sendo assim, é possível inferir que a educação pública foi esquecida propositalmente. É um ato político de um governo escolher negar a educação para sua população.

Em 1968, ocorreram duas revoltas mundiais em prol da educação: a brasileira e a francesa. A revolta dos estudantes brasileiros tinha como objetivo lutar por uma equidade e, principalmente, democratizar o acesso à educação. Foi um período bastante turbulento e sangrento, ocasionando a morte de Edson Luís, um estudante que questionou apenas o valor acentuado de seu almoço e foi morto pela repressão. Já na revolta francesa, estudantes do ensino superior possuíam o ideal de lutar contra a censura nas faculdades e pedir por mais investimentos. Ela teve apoio da classe trabalhadora para acabar. O movimento ficou conhecido como “Maio de 68” e inspirou o movimento brasileiro.

A faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro possui um papel fundamental na história da luta estudantil porque foi lá que o Teatro de Arena abriu diversas discussões e que lutas foram pautadas sobre como lidar com a repressão. Foi uma semana de muito impacto na sociedade pela gravidade da repressão que o Estado estava tendo com seus estudantes. A sociedade se mobilizou, e, juntos, foram protestar, na praça Tiradentes, civis e estudantes.

Atualmente ainda é possível observar que o Brasil continua priorizando a educação privada, porém, com o atual governo, a situação de financiamento estudantil vem progredindo. Ainda não temos o melhor panorama possível porque faltam investimentos em livros adequados nas escolas, na arquitetura, na salubridade do ambiente, na garantia de alimentação e transporte do aluno, entre outros setores. A educação não é uma mercadoria e não deveria ser observada por esse viés.

1.2- Resumo de *A Bolsa Amarela*

O livro *A Bolsa Amarela* foi escrito pela autora brasileira Lygia Bojunga Nunes e publicado no ano de 1976. O livro é um romance que apresenta a narradora-personagem Raquel e sua difícil relação familiar. No auge da Ditadura Militar, Lygia Bojunga Nunes conseguiu publicar um livro que apresenta a personagem principal no início de sua adolescência, buscando reprimir três gigantescas vontades: a de ser adulta, a de ser escritora e a de ser um menino. Raquel é a quarta filha de seus pais, e, ao longo da narrativa, personagens são criados pela sua imaginação para ajudá-la a lidar com a dureza da vida. O romance se desenvolve com a chegada da bolsa amarela, objeto em que foram depositados todos os três desejos da jovem menina em sua fuga do mundo real.

A personagem seria contemporânea ao período ditatorial, e sua história de vida poderia ter sido a história de qualquer outro indivíduo da mesma época. Uma das possíveis relações que se pode fazer é que a autora, por meio da narrativa, conseguiu evidenciar como a ditadura a influenciou em diversos âmbitos. No livro, Raquel é constantemente reprimida por sua família por ser criança e principalmente por ser questionadora sobre o mundo adulto. Com isso, seus pais não a compreendem e a reprimem.

A narradora-personagem não teve liberdade de ser aceita em sua família, como o texto apresenta, e foi capaz de romper com o ideal feminino familiar, uma vez que a expectativa para as meninas e mulheres à época era de obedecer e servir aos homens e à família. Raquel, ao longo do texto, se mostra diferente de seus três irmãos, e é possível deduzir que a vontade de ser escritora era para expor o que se tem de mais íntimo e evidenciar as mazelas familiares. Para fundamentar e explorar a análise acima, o presente trabalho apresenta uma breve conceituação acerca dos termos “Ideal do eu” e “Eu ideal” postulados por S. Freud.

1.3- Relação entre Introdução ao Narcisismo e Raquel

No ano de 1914, ocorreu a Primeira Guerra Mundial, e a escrita do texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914, Companhia das Letras). Para compreender o adulto, é necessário compreender seus primeiros momentos de vida, como o seu nascimento e infância – os períodos mais determinantes e marcantes de um ser humano. No texto de 1914, o autor conceitua o termo “narcisismo”, mas, para explicá-lo, cria termos e etapas do desenvolvimento humano aos quais todos estão fadados, como: *His Majesty the Baby* (Sua Majestade, o bebê), Eu ideal e Ideal do eu. No presente trabalho, me ative aos conceitos supracitados, porém com ênfase no Ideal do eu e no Eu ideal.

O narcisismo pode ser interpretado como uma etapa entre o autoerotismo e a escolha objetal. Segundo a psicanálise freudiana, ele pode ser dividido em duas categorias: narcisismo primário e secundário. O primário representa todo o investimento libidinal externo ao indivíduo durante a formação do eu. Essa fase é denominada de *His Majesty the baby*, com as projeções narcísicas parentais ou do/s cuidador/res, as idealizações e até mesmo a tentativa desse bebê de alcançar a perfeição. Após essa etapa, o indivíduo irá ser capaz de diferenciar a si e ao outro e precisará realizar uma escolha objetal externa para se preservar e reviver os bons momentos de majestade.

Passada a cronologia autoerotismo - narcisismo - escolha objetal, o bebê se torna uma criança que se depara com a dualidade psíquica entre o Eu ideal e Ideal do eu (Freud, 1914, Companhia das Letras). O Eu ideal pode ser interpretado como o modelo de perfeição e as projeções que foram atribuídas por terceiros ao ser nos seus primeiros momentos de vida. O narcisismo é importante e fundamental para cada indivíduo por ser o responsável pela construção do seu ego. Ao perceber que, ao longo de seu desenvolvimento, o mundo não o enxerga como perfeito e que existem censuras a seus comportamentos, o indivíduo tenta retornar ao ideal que um dia fez parte de si. Essa tentativa de retorno para a perfeição imposta pelos pais ou familiares é o Ideal do eu, onde é desenvolvida a autoestima e percebe-se que um novo ideal deve ser alcançado, visto que não há perfeição. Ninguém é perfeito, nem mesmo na ficção. Conforme esse novo ideal vai se estabelecendo, o ego passa a ser exigente com o alcance dessa tentativa.

Sendo assim, a personagem principal do romance conseguiu, inconscientemente, analisar que o Eu ideal estipulado por sua família era fraco e foi capaz de determinar o seu Ideal de eu e sua autoestima como consequência, como evidenciado nos seguintes trechos.

Querido André, Quando eu nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo mundo já é grande há muito tempo, menos eu. (...). (Bojunga, 2009, p.11)

“Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é?” (p.11)

(...) Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não? (Bojunga, 2009, p. 11)

O amor dos cuidadores no primeiro momento de vida é fundamental para a constituição do ser e do posicionamento desse no mundo futuramente. Com pouca idade, Raquel já sabia que teria que encontrar seu lugar de reconhecimento e afirmação do Eu no mundo externo à sua casa. Porém também compreendia, e será evidenciado mais à frente deste trabalho, que, assim como o ego é censurado ao se expor ao mundo, a personagem terá de lidar com o choque entre seu Ideal e a realidade.

A personagem apresentou o papel de evidenciar, por meio do imaginário e do fantástico, como uma parcela da sociedade brasileira sofreu os efeitos do modelo político à época. O modelo de criação de Raquel é um outro fator que evidencia o quanto a ditadura influenciou

diretamente a sociedade, uma vez que havia uma nova filosofia do ser brasileiro, da família brasileira e da construção de um novo país. E, para todos esses ideais supracitados acontecerem, era necessário que houvesse uma reforma geral do pensamento da sociedade. A narradora mostra uma narrativa em que, paralelamente à própria história, podem ser lidos vestígios do Brasil à época e foi capaz de evidenciar a profundidade do projeto político por meio de metáforas, jogos de palavras, ironias e recursos estilísticos.

1.4- Como a ditadura modificou a sociedade brasileira

O livro não apresenta indícios de que foi escrito durante o período ditatorial, porém possibilita múltiplas leituras. É possível fazer uma leitura em que os personagens podem se relacionar com o momento ditatorial em que críticos eram silenciados, exilados e até mesmo mortos. No livro é exposto que o personagem Galo teve seu pensamento costurado e, por isso, não era mais capaz de pensar. Ou seja, o personagem Galo, em suma, poderia ser o representante dos indivíduos reais que foram silenciados e censurados pelo sistema.

Raquel foi capaz de demonstrar como um modelo político implementado consegue atingir gerações e as formas de relacionamento. A sociedade se via obrigada a seguir as regras impostas pelo governo, assim como Raquel enxergava que deveria seguir, mas consegue se superar ao longo do romance. Esta necessidade de seguir a ordem causa medo, angústia e terror na população. A sociedade brasileira vivenciou momentos de temor e medo ao longo de toda a ditadura. O título da obra, *Bolsa Amarela*, seria uma outra possibilidade de relação com o regime, pois Raquel tinha medo, assim como a sociedade. Amarelo é a cor designada para evidenciar medo ou vergonha, é um símbolo universal.

Não somente o fato de que, quando Galo, o alfinete e as vontades de Raquel se encontram na sua bolsa amarela, a bolsa se torna pequena e sem espaço e pesada para tudo o que ela vinha reprimindo, outra possível relação com o regime militar é quando civis eram censurados e sofriam com as consequências de não conseguirem se expressar livremente, exporem suas vontades e serem livres até mesmo em seus pensamentos mais íntimos.

Capítulo II- Família versus O papel de Raquel dentro dela

2.0- O conceito de família segundo a Teoria Familiar Sistêmica

Segundo a terapia familiar sistêmica, o termo “família” representa um conjunto de pessoas que fazem parte de um sistema aberto, pois recebem constantes influências do meio

biopsicossocial em que vivem. Para Von Bertalanffy, uma família também pode ser observada como um sistema total em que as ações de um indivíduo afetam os demais participantes e todo o conjunto. Ou seja, todos os integrantes desse núcleo familiar agem em conjunto e em parceria (Calil, 1987). A terminologia “família” também pode ser observada pela lente biológica como sendo uma relação entre pares humanos e seus descendentes movida principalmente pelo laço afetivo.

Por ser um sistema aberto, consegue receber estímulos externos e, ao mesmo tempo, estabelecer suas regras de funcionamento. Quando o sistema entra em um desequilíbrio, é necessário que o grupo volte para uma *homeostase* (voltar ao padrão de funcionamento) que, na Sistêmica, recebe o nome de feedback negativo. Além disso, existe um porta-voz do sintoma familiar quando existe um desequilíbrio desse sistema. Esse indivíduo que relata ao terapeuta ou aos demais familiares como vem sofrendo com um sintoma (Freud, *angústia, inibição e sintoma*) familiar.

É importante ressaltar que o imaginário popular de família vem sendo reconstruído ao longo do tempo no Brasil e no mundo, devido às constantes reformulações familiares e humanas. O mundo evoluiu e, com ele, as novas formas de se constituir uma família. Logo é importante enfatizar, neste trabalho, que, na época em que o livro foi escrito, a família era formada por um casal heterossexual com seus filhos.

2.1- Apresentação da família de Raquel

A família de Raquel é apresentada na trama desde o primeiro capítulo, ao começar pelos irmãos. No capítulo I, a narradora-personagem escreve algumas cartas como tentativa de aliviar suas angústias sobre si e o mundo. Ela relata suas três maiores angústias: a de não ser homem, de querer ser escritora e a de querer crescer logo. Ao se expressar para André, o leitor de suas cartas inventado por ela, diz que seus irmãos não lhe dão atenção, principalmente para conversar, devido à grande diferença de idade, como exemplifica o trecho a seguir:

Quando eu nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: "A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condições de ter filhos. (Bojunga, 2009, p.14)

Sendo assim, é possível observar, pela fala de Raquel, que ela é a terceira filha mulher e que possui um único irmão. Atualmente a narradora seria popularmente nomeada como uma filha temporão, o que ocorre quando os pais têm um filho ou mais, porém a diferença de idade entre os filhos é ampla. O irmão é exposto na trama como um menino desconfiado e que não possui muita paciência para as questões infantis de Raquel, além de ser o único dos irmãos que cursou uma graduação. A falta de um elo entre os irmãos é nitidamente percebida quando ele expõe para a família a história do Galo Rei.

A irmã mais jovem é descrita como muito bonita e alguém que não trabalha, além de sustentar o discurso de que a sua beleza basta para ter sucesso na vida. Ou seja, é uma mulher que possui uma vocação para ser esposa e que está à procura de um homem rico que a sustente. Na narrativa, essa afirmação é evidenciada quando Raquel faz uma brincadeira dizendo que Roberto havia soltado o boato de que ela era muito burra. Raquel foi gravemente punida pela sua brincadeira, e sua irmã ficou bastante irritada com a situação, uma vez que poderia arriscar sua futura relação com o rapaz. A irmã mais velha foi descrita antagonicamente como trabalhadora.

Na carta escrita para André, Raquel diz que seus irmãos comentam sobre sua gravidez não era esperada e que a mãe já não era mais capaz de cuidar e criar um quarto filho. Portanto, ao colocar a mãe como embasamento de suas falas, os irmãos de Raquel a apresentam indiretamente na obra. A mãe de Raquel é uma mulher aparentemente de mais idade, trabalhadora e pouco citada ou explorada no texto. É possível inferir que essa ausência seja proposital por ter uma relação com o período no qual o livro foi publicado, 1976.

Em 1976, as mulheres eram silenciadas, e os homens tinham o papel de prover o lar e tomar a frente nas decisões familiares. A mãe de Raquel apresenta outra personagem, pela qual tem muita gratidão por sua ajuda mensal, evidenciando que a família passa por dificuldades financeiras.

A tia Brunilda é descrita como alguém que gasta bastante dinheiro com roupas, acessórios e sapatos que não utiliza. É casada com um homem chamado Júlio que não aceita o fato de ela querer trabalhar. Como exposto acima, o homem deveria prover o lar, e a mulher, estar ao lado dele, cuidando do lar. A narradora-personagem faz um importante paralelo entre dinheiro e poder quando diz que seu tio prefere dar mais dinheiro a deixar sua esposa trabalhar.

Outra coisa um bocado esquisita é que, se ele reclama, ela diz logo: “vou arranjar um emprego.” Aí ele fala: “De jeito nenhum!” E dá mais dinheiro.

Para ela comprar mais. E para continuar enjoando. Vou ver se um dia eu entendo essa jogada. (Bojunga, 2009, p. 25)

A figura paterna de Raquel aparece apenas nas cenas descritas como sendo de desavenças ou brigas. E, quando Raquel pede a sua presença, o pai se omite, como na ocasião com Alberto, primo de Raquel, em que ela pediu que seu pai a ajudasse, e ele não o fez.

“Olhei meu pai pra ver se ele me salvava. Mas ele mandou um recado de olho dizendo: "dança logo, menina!". (p. 65)

O leitor sabe que ele possui um emprego e que tece comentários sobre a vida dos demais, uma vez que Raquel expõe que seu pai lhe falou acerca da relação do tio Júlio com trabalhar muito para conseguir prover dinheiro à tia Brunilda.

Outro personagem da família de Raquel é o primo Alberto, filho da tia Brunilda. Esse é descrito como um menino mimado, insolente e que se descreve como um adolescente de 14 anos. Não possui uma boa relação com Raquel, visto que sempre tenta rir dela ou fazer alguma brincadeira de mau gosto com a prima.

Ao longo do livro, é mostrado ao leitor uma diferença entre os sexos feminino e masculino. Enquanto as mulheres ficam restritas a serem donas de casas, costureiras, mães, entre outros, a figura masculina é associada a cargos de chefia, à continuação dos estudos e empregos fora do ambiente doméstico. A figura feminina era reprimida socialmente e assumia papéis submissos em suas relações, existia uma lógica de subserviência da mulher em relação ao homem. A figura masculina assumia um protagonismo social e não era reprimida ou julgada socialmente.

Essa diferença entre gêneros é evidenciada na relação de Raquel e Alberto, pois a jovem pediu que seu primo não abrisse sua bolsa, e, mesmo assim, ele insistiu e invadiu o espaço de Raquel. Nenhum familiar questionou ou reprimiu a atitude de Alberto, porque socialmente, era aceitável que um menino adolescente estivesse rindo com sua prima. No entanto, quando Raquel reconhece que não é uma brincadeira para ela, a família não impede Alberto de continuar o que estava fazendo e não o critica pela atitude. E criticam a narradora, que expôs a situação, pela forma agressiva de falar na hora. Essa cena evidencia uma problemática da sociedade de 1976, que permitia que homens fossem inconvenientes com mulheres, disfarçados em tom de brincadeira.

“—A senhora acha engraçado tudo que o Alberto faz, não é? Ele pode fazer a maior besteira do mundo, que a senhora acha graça.” (p.75)

As figuras femininas da família de Raquel se espelham umas nas outras. A mãe de Raquel e sua primeira trabalham, enquanto a tia Brunilda e a mais jovem procuram o mesmo estilo de casamento. Na obra, é possível inferir que Brunilda não é contente em seu casamento, porém a jovem sobrinha almeja o estilo de casamento de sua tia. Raquel é a personagem que muda os rumos de sua família, por escolher desde cedo uma profissão: ser escritora. No contexto histórico e social no qual o livro está inserido, é de suma resistência o papel assumido pela narradora, o de ser contra o sistema que lhe é imposto, tal qual uma família é.

Ao escolher e sustentar seu desejo de ser escritora, de ter uma profissão, Raquel também poderia ter o mesmo direito de querer cursar uma graduação, como seu irmão. Em uma época em que o ensino superior era majoritariamente pago e destinado ao público masculino, a narradora mostra inconscientemente para o leitor como sua família funciona e o quão diferente ela é desse sistema.

2.2- O papel de Raquel dentro do seu contexto familiar e as evidências

A narradora-personagem apresenta sua família e, sem perceber, acaba se colocando na posição de paciente identificado para o leitor. Ou seja, ao relatar a dinâmica familiar de seu grupo, também é capaz de expor como esse era disfuncional e ela apresentava alto grau de sofrimento como participante dessas regras estabelecidas. Na história que criou sobre o Galo Rei, ela evidenciou o que vivia em sua família.

Quando seu irmão a expõe para todos os demais membros da família, ocorre uma quebra da fronteira (Calil, 1987). Raquel foi duramente invadida e, principalmente, acreditou que ser quem ela era, na verdade, era uma grande piada. A exposição de sua história inventada, como ela denomina, foi capaz de expor a não aceitação da sua família sobre ela. Os risos demonstram o quanto a família estava disfuncional a ponto de excluir um membro ao invés de agregá-lo e compreendê-lo. É exposta a falta do manejo com a figura da criança e suas questões sintomáticas.

No capítulo VI, *O almoço*, a narradora-personagem expõe de forma objetiva como é a dinâmica familiar e como é ser criança dentro de uma família. Raquel descreve uma situação em que não pode escolher o que comer, sendo obrigada, por pressão familiar, a ingerir a bacalhoadada mesmo reforçando que não gostava e que queria apenas da sobremesa. A personagem tenta argumentar, porém é duramente repreendida e não é escutada pelos demais.

Em consequência, a bolsa amarela vai crescendo conforme Raquel vai se irritando e se frustrando com o almoço.

Outra situação que reflete o exposto acima é, no mesmo almoço, como Raquel é desrespeitada por seu primo e família em duas situações: quando ela diz que não quer cantar o verso em inglês que aprendeu na escola e quando seu primo invade seu espaço pessoal ao abrir a bolsa amarela. Em casa, Raquel não podia cantar e dançar porque atrapalhava os demais, porém ela percebeu que, quando era para se expor para outros, era cabível cantar e dançar. Os familiares gostavam de observá-la e apreciá-la somente fora de casa, e a narradora sente essa mudança de atitude.

Na situação de Alberto, todos achavam graça da brincadeira entre primos porque quem estava fazendo cócegas e tentando desvendar os segredos de Raquel era um homem. E, naquela época, os homens tinham aval para realizar o que quisessem e sair impunes com a desculpa de ser apenas uma brincadeira. A bolsa amarela chega a crescer tanto, assim como Raquel estava saturada, que explode com todos que estavam dentro dela: Terrível, Alfinete, Guarda chuva, Afonso e Crista de Ferro.

A figura feminina era constantemente reprimida socialmente, e a personagem demonstrava, na narrativa, suas insatisfações com o poder dado à figura masculina (Cristófano, 2020). Ao longo de todo o livro, Raquel busca mostrar ao leitor como era difícil ser uma menina em uma sociedade que não respeitava mulheres e suas liberdades de expressão, em uma época em que era ditado que existiam roupas para adultos e crianças, roupas de pessoas ricas e pobres e que as crianças não tinham direito às suas escolhas. A família de Raquel consegue ultrapassar o espaço pessoal dela de diversas maneiras, e Raquel sente a necessidade de se impor perante todos durante o almoço na casa da tia Brunilda, depois de tanto implorar que a escutassem. Uma família possui dois grandes potenciais: o de ser um núcleo de saúde ou de adoecimento. No caso de Raquel, sua família não é apresentada na narrativa como um local de apoio emocional e de segurança.

“Será que eles pensam que a gente não percebe essas piscadelas de olho?”
(Bojunga, 2009, p.65)

2.3- Diferenças entre a família de Raquel e a família de Lorelai

No capítulo IX, Raquel conhece a casa dos consertos e, ao reparar no ambiente e nas pessoas, demonstra ter ficado surpresa com a organização do ambiente. A primeira pessoa com que ela

se comunica é um homem que analisa a situação da guarda-chuva, porém, quando o relógio começou a tocar música, as pessoas da casa passaram a dançar e convidaram Raquel para essa dança. No primeiro momento, a narradora-personagem ficou confusa e com vergonha de dançar com esses desconhecidos. Quando Raquel quis mostrar à sua família a dança e o versinho em inglês que aprendera na escola, eles não deram a devida atenção e pediram que ela não cantasse mais dentro de casa. Portanto a primeira diferença entre as famílias é o fato de que, na de Raquel, ela não consegue se expressar livremente e, na de Lorelai, sim.

Em seguida, Raquel mostra-se espantada pela inversão de papéis familiares. Na sua casa, seu pai era tido como o chefe do lar, alguém que não ia para a cozinha. A mãe dela possuía esse dever de cozinhar para a família e ser dona de casa, mesmo trabalhando fora. A narradora questiona Lorelai sobre os motivos pelos quais a família dela não tinha uma figura masculina que detinha o poder de resolver as mais diversas questões e descobre que, na casa da nova amiga, todos têm sua fala validada e escutada pelos demais. Na casa de Raquel, ela não tinha espaço para conversa e tampouco suas questões pessoais eram resolvidas.

Na fala da narradora, existia um machismo estrutural que fazia parte da sociedade de 1976, em que a figura do homem era atrelada a cargos de chefia, e o acesso ao estudo ficava muitas vezes restringido a essa figura. A figura feminina era vista como mais frágil e responsável por trabalhos menos pesados e voltados para a casa e a educação dos filhos.

A terceira diferença entre as famílias é que, na casa de Lorelai, todos se ajudavam e trocavam as tarefas domésticas, e nada era pré-definido. A conversa entre os membros era fundamental para os familiares se compreenderem, enquanto, na casa de Raquel, o funcionamento da dinâmica familiar era diferente. Essas diferenças são capazes de demonstrar o quanto o meio social influencia na formação do indivíduo.

Capítulo III: Literatura e Psicologia

3.0- O que significam os três desejos de Raquel?

No primeiro capítulo, são apresentadas as três vontades de Raquel: ser escritora, ser grande e ser menino. É destacado o quanto essas vontades têm a capacidade de crescimento e que variam de acordo com o dia, o que significa que podem crescer e diminuir dia após dia. Raquel mostra para o leitor o seu desejo de procurar um local seguro onde possa guardar suas vontades.

Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério. Eu tenho que achar depressa um lugar para esconder as três: se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim. (Bojunga, 2009, p. 23)

A narradora-personagem consegue ambientar o seu leitor na situação familiar que vivencia e o expor o motivo de essas vontades existirem. As vontades podem ser interpretadas como um reflexo da sociedade na época em que o livro foi inserido. A vontade de ser grande pode representar um desejo de Raquel de ser compreendida como uma adulta, porque, no mundo adulto, ela poderia ser melhor aceita do que na fase infantil. Os adultos não demonstravam paciência para as questões vivenciadas por Raquel e que eram naturais de seu ciclo vital, porém a narradora demonstrava o quanto ser criança era sinônimo de silenciamento e de repressão.

“E o pior é que eles não estavam rindo só da história: tavam rindo de mim também, e das coisas que eu pensava.” (Bojunga, 2009, p.23)

Ser criança na obra de Lygia Bojunga é ser resistência perante diversos fatores estruturais, econômicos e políticos da sociedade. Raquel é a porta voz de diversas questões, como o machismo, diferenças sociais e entre sexos, além de ser capaz de evidenciar características do período ditatorial em sua escrita (Cristófano, 2020). Durante o regime ditatorial, as crianças sofreram com falta de acesso a escolas públicas de qualidade, falta da liberdade de expressão e constante repressão interna e externa de suas famílias. Raquel consegue evidenciar ao leitor esse sofrimento compartilhado.

A personagem encontra-se inserida na América Latina, mais especificamente no Brasil, que sofreu com graves ataques e censura à liberdade de expressão. Políticos e civis foram exilados. A população foi punida e silenciada durante os quinze anos de ditadura, e regimes autoritários atingem o comportamento dos indivíduos. Quanto mais repressão se tem no meio biopsicossocial, maior serão as consequências nesse meio para as crianças. A formação das crianças em 1976 era bastante repressora e autoritária. A criança era vista como um adulto pequeno, e suas questões eram sempre relativizadas e consideradas com pouca importância.

A escrita é uma forma de lidar com questões do mundo externo, tal qual a brincadeira é para as crianças, segundo o médico Sigmund Freud. Essa manifestação artística do indivíduo por meio da linguagem pode ser interpretada como uma tentativa de Raquel de lidar com seu mundo interno. Quando ela escreve, consegue refletir melhor sobre as situações que vivenciou

e, ao criar personagens imaginários, passa a ter amigos que faltavam na vida real. Além disso, no mundo da Literatura, tudo é possível. O fato de ela querer ser escritora também é uma crítica à época, onde a grande maioria dos escritores era do sexo masculino (Cristófano, 2020).

A escrita é pessoal e até mesmo um segredo, pois só aquele que escreve compreende a verdade por detrás do texto. A escrita também está ligada a um lugar de chefia, visto que um livro é escrito por alguém, e a posição de autora não era comum em 1976. A liberdade e a figura feminina não eram conectadas, e Raquel, por meio de sua vontade, conseguiu unir suas ideias. Sigmund Freud estipulou o conceito de sublimação como sendo uma atividade que não possui caráter sexual e que é direcionada para objetos valorativos (Jorge, 2003).

De acordo com Marco Antonio Jorge, “as atividades sublimatórias, segundo a ótica de Freud, são constituídas pela atividade artística, pela pesquisa intelectual e pela prática de esportes”. Tendo em vista a base teórica de Freud, é possível dizer que há uma tentativa de Raquel, ao escrever, de buscar sublimar as suas questões internas (Cristófano, 2020).

A segunda vontade de Raquel era a de ser adulta. Ser adulta está ligado a sofrer menos e à concretização de si, ou seja, a afirmação do ser (Cristófano, 2020). O desejo de ser adulta pode estar relacionado a um desejo de ser aceita socialmente pela sua família. Raquel traz, ao longo da narrativa, elementos que comprovam que existe um pacto entre os adultos. O mundo adulto protege os adultos e é estruturado para que se fale menos e existam segredos, enquanto, no mundo infantil, as crianças não têm medo e falam tudo o que lhes vêm à mente.

A terceira vontade de Raquel é a de ser um menino. Nos primeiros capítulos, a narradora relata cenas de sua família em que explicita que seu irmão é o único que vai à faculdade e que pode expor Raquel para os demais membros da família. A impunidade para os homens quase nunca ocorre, e Raquel percebeu que a figura feminina não passava pelo mesmo crivo da sociedade e da família. A personagem principal era punida por meio de castigos, e, ao longo de toda a narrativa, não houve uma conversa para tentar compreendê-la. Ela apenas era julgada pelos familiares e, assim, quis ser um menino. Esse desejo pode ter nascido como uma forma de tentar lidar com essa diferença no tratamento entre sexos (Cristófano, 2020).

3.1- A Bolsa Amarela

A bolsa amarela pode desempenhar duas simbologias ao longo da narrativa. A primeira seria de um local onde Raquel consegue colocar, literalmente, todos os seus pensamentos, suas

angústias, suas vontades, seus medos e seus amigos sem preocupação de ser julgada por tudo o que carrega psiquicamente. Ou seja, a bolsa amarela não é imaginária como os amigos animalizados de Raquel, é um objeto do mundo real. A figura de uma bolsa é capaz de simbolizar a personagem, visto que todo o conteúdo que se encontra dentro dela representa a protagonista da história.

A segunda simbologia que a bolsa amarela pode desempenhar na narrativa é a de ser uma espécie de mãe para Raquel (Cristófano, 2020). Ao longo da história, não é mostrado, ao leitor, nenhuma interação amorosa ou particular entre Raquel e sua mãe. O leitor não conhece o nome da mãe, porque a narradora-personagem não o explicita. As cenas que Raquel tem com sua família são sempre carregadas de passagens em que ela termina de castigo ou leva bronca, e sua opinião não é validada.

Com a chegada da bolsa amarela na vida de Raquel, ela se conecta automaticamente com esse objeto, porque ele fora rejeitado por todos os outros membros da família. Assim como ele, Raquel, também era rejeitada pelos demais familiares. A bolsa foi capaz de guardar suas questões, respeitar os seus pensamentos e acolher a essência de Raquel. No mundo real, a vida da narradora era o contrário do que ela vivenciava com a bolsa. A bolsa conseguiu desempenhar, para a jovem menina, um local de escuta e acolhimento que sua mãe não fora capaz de oferecer.

O fato de a bolsa ser amarela é um ponto de destaque importante. Segundo Cristófano (2020, p.10), “metaforicamente, a cor amarela representa a mutação que a menina está vivendo.” Ou seja, a bolsa evoluía junto com a narradora-personagem. É válido ressaltar que a cor amarela se modifica ao longo da história, podendo simbolizar que os medos de Raquel aumentavam e diminuía.

Era amarela. Achei isso genial: para mim, amarelo é a cor mais bonita que existe. Mas não era um amarelo sempre igual: às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato. (Bojunga, 2009, p.27)

No capítulo II, a *Bolsa Amarela*, a narradora destaca a parte interior e exterior da bolsa, além de comentar sobre a importância do seu fecho. Ela destaca, na parte interna, a capacidade daquele objeto de reunir sete bolsos, que, na visão de Raquel, são seus filhos. Ao comentar sobre o fecho, diz que a bolsa não veio com ele, que foi ela que o comprou. O primeiro fecho a ser escolhido era o melhor da loja, porém ela não tinha dinheiro. E o segundo fecho não era bom, porém brilhava muito.

A personagem escolheu esse fecho justamente por ele não abrir com facilidade, uma vez que todos os seus segredos foram alocados dentro da bolsa. Novamente, Raquel escolhe um objeto que fora rejeitado por alguém. No censo comum, existe uma ideia de que o que é mais barato é ruim, de baixa qualidade, e o que é mais caro é de boa qualidade. Apesar de o censo comum possuir alguma verdade, no caso de Raquel, o mais barato era justamente o que ela queria e procurava em um fecho.

O homem disse que o fecho era muito barato: ia enguiçar. Vibrei! Era isso mesmo que eu tava querendo: um fecho com vontade de enguiçar. Pedi pro vendedor atender outro freguês enquanto eu pensava um pouco (...) (Bojunga, 2009, p.29)

3.2- Complexo de castração

Segundo o dicionário de Psicanálise de Elisabeth Roudinesco, a terminologia “complexo de castração” pode ser compreendida como um momento, ainda na infância, em que o indivíduo irá reconhecer que existe uma diferença entre os sexos. Essa diferença se dá pela ausência de um falo no sexo feminino (Roudinesco, p.105). Freud reconhece, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1923), que o complexo de castração é ligado ao complexo de Édipo e que a castração é uma passagem a que todos os indivíduos estão fadados.

Após o complexo de Édipo, o complexo de castração é introduzido e este será responsável, no futuro, pelas escolhas objetais do indivíduo. No complexo de Édipo, a menina busca, com sua figura paterna, uma relação incestuosa, enquanto o menino busca a mesma relação com sua mãe. É uma fase natural que ocorre com todos os seres humanos e em que o indivíduo compreende que existem outras pessoas, além dele, como fonte de amor a seus pais.

Sigmund Freud postula a Teoria do desenvolvimento sexual, que é dividida em cinco fases: fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital. O menino, na fase fálica, passa a reconhecer seu órgão genital, visto que tem suas primeiras ereções e consegue reconhecer que a menina não possui o mesmo aparelho sexual que o seu, porém não a enxerga enquanto outro órgão genital, apenas como a ausência de um falo. Ao decorrer da castração, o indivíduo, ao perceber que não é detentor de um falo, questiona os motivos de não possuir um e pode vir a causar uma ferida narcísica no futuro.

Na fase oral, os bebês do sexo feminino e masculino voltavam-se para seu próprio corpo. Toda a extensão do corpo, e não apenas uma parte específica. Nas fases anal e fálica, ocorre

um prazer que não é sexual como na fase genital. Na fase fálica, o menino foca o seu prazer no seu órgão genital e na masturbação. Ele, ao reconhecer que o outro não tem o falo, sente-se ameaçado de um dia não o possuir mais. Além disso, é na castração que o indivíduo masculino percebe que não é o único homem na vida de sua mãe. Existe um pai, e esse pai será o único a ter relações com sua mãe de forma mais sexualizada.

A vontade de Raquel de ser menino pode estar ligada, indiretamente, ao complexo de castração. A jovem menina buscava na figura masculina um lugar de aceitação perante a sociedade, e a não negação de si. Como exposto anteriormente, o não atravessamento de forma saudável por essa fase pode ocasionar questões narcísicas no futuro. Raquel se desenvolve ao longo de toda a história da Bolsa Amarela.

Os personagens criados por Raquel, em sua grande maioria, são personagens masculinos que ocupam posições de destaque, enquanto as personagens femininas ocupam papéis secundários, porém de grande relevância na construção da história. Raquel percebe que, na sociedade em que vivia, a figura masculina era mais reconhecida e valorizada do que a feminina. Como aponta Cristóvão, a personagem é capaz de expor ao leitor a diferença entre os sexos feminino e masculino (2020).

CONCLUSÃO:

Levando-se em consideração o conteúdo exposto no presente trabalho, a bolsa amarela possui um protagonismo ao longo da narrativa e tem sua devida importância. Foi o único local em que Raquel conseguiu expor o que tinha de mais íntimo e que abrigou sua segunda família, os seus amigos. Apesar de ser o título da obra, não é o personagem principal da narrativa. A jovem Raquel é a protagonista de sua história, que envolve diversas críticas à sua família e à sociedade de 1976. Por meio de suas histórias e da criação de amigos imaginários, ela consegue lidar com o mundo externo e suas questões pessoais. Um dos vieses de interpretação pode ser o de que a narrativa é um amadurecimento da personagem.

Segundo Sigmund Freud em o *Mal-estar na Civilização* (1930-1936), o sofrimento humano advém de três instâncias:

“Ao indicar as três fontes de onde vem o nosso sofrer: a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade”. (Freud, 1930-36, p.43)

A última fonte é a que mais acomete Raquel, porque sua relação com seus familiares lhe causa sofrimento psíquico. Logo a escrita de Raquel é repleta de símbolos de si. Ela escreve para si, numa tentativa de elaborar tudo o que enxerga e escuta no mundo real. Freud diz que “A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis” (Freud, 1930-1936, p.28). E traz três recursos que podem ajudar a aplacar a dureza da vida, sendo um deles: “poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria (...)” (Freud, 1930-36, p.28).

A jovem brinca na tentativa de aplacar sua angústia perante a dura realidade de sua vida. A personagem é contemporânea ao período da ditadura empresarial-cívico-militar, em que os comportamentos da sociedade e do Estado foram drasticamente modificados. O papel de Raquel ao longo da narrativa é o de não ceder às regras sociais impostas e, principalmente, de questionar o motivo delas. Na época ditatorial brasileira, aqueles que buscavam enfrentar o governo eram reprimidos e silenciados. Ao longo da narrativa, Raquel sofre da mesma forma.

Em síntese, a infância de uma criança é a parte mais importante de sua vida, porque são as primeiras experiências que moldam o caráter do indivíduo. A narradora-personagem buscou, na escrita, um local para expressar sua angústia e, simultaneamente, representar e criticar o

modelo ditatorial no qual vivia. Por meio das histórias criadas pela menina, ela falava de si utilizando nomes inventados. Ao longo de todo o trabalho, foi apresentada uma leitura do livro infantojuvenil pela perspectiva da psicanálise Freudiana.

Nessa perspectiva, a ditadura foi observada, no presente trabalho, enquanto um pano de fundo, e não como temática principal do livro. Porém o modelo de sociedade no qual um indivíduo é inserido é fundamental na sua construção, visto que a ditadura foi um momento de extrema revolta da sociedade. A política se estende para além dos poderes públicos e passa a ser regente na vida dos civis. Às vezes na maneira de pensar, como o Galo Terrível, que teve seu pensamento costurado. É possível que a autora tenha realizado uma alusão à ditadura nessa parte da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. *In* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas e Completas de Sigmund Freud (vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Conferências introdutórias à Psicanálise (1916-1917). *In Obras Completas vol. 13* [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Coelho, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, didática*. Editora: Moderna. São Paulo, 2000.

Dias, Ana Crélia Penha. *É proibido proibir? Vetos à literatura em tempos conservadores*. Revista Graphos, vol. 22, n° 2, 2020. Acesso em: 02/11/2023.

Dias, Ana Crélia Penha. *Que nos salve a metáfora: Encruzilhadas entre ética e estética na criação e na produção e circulação literária*. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, p.4, 2023. Acesso em: 02/11/2023.

<https://gazetadelimeira.com.br/local/2147490928> Acesso em: 15/10/2023.

Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 3, n° 2, p. 320-339, jul./dez. 2012.

Calil, Vera L. Lamanno. *Terapia Familiar e de casal*. Editora: Summus editorial, 1987.

Inibição, sintoma e angústia (1926-1929). *In Obras Completas, vol. 17* [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). *In Obras completas vol. 12* [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Jorge, Marco Antonio Coutinho. Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan, v. I: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, cap. IV, 2008, p.150-158.

ROUDINESCO, Elisabeth (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Editora Zahar, Rio de Janeiro.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. PS - Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. Reverso, Belo Horizonte, v. 33, n° 62, p. 55-67, set. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso> acessos em 03 nov.2023.

CRISTÓFANO, S. Lygia Bojunga e a Literatura Infanto-juvenil: uma Crítica Lúdica e Abordagem à Realidade Social. *Linha D'Água*, [S. l.], n° 23, p. 75-93, 2010. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v0i23p75-93 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37337>. Acesso em: 3 nov. 2023.

O Mal-estar na Civilização, Novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936). In Obras Completas vol. 18 [tradução

Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.